



Psicanálise e literatura

Juarez Guedes Cruz, Porto Alegre*

Enquanto construía as bases do vasto tecido simbólico que designou psicanálise, Freud muitas vezes salientou o apreço que sentia pelos artistas e por seus insights intuitivos a respeito do funcionamento psíquico. Isto sentou as bases para que, ao longo do tempo, tenha se estabelecido, entre a psicanálise e a literatura, aquilo que Maria Helena Martins designou como um processo de iluminação mútua na construção de significados para o que nos cerca.

Palavras-chave: função simbólica, vida onírica, literatura e psicanálise.

* Psiquiatra, psicanalista didata e membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).



Em *No bosque do espelho*, ao falar sobre literatura, Manguel (1998, p. 27) comenta: “Os livros que lemos nos ajudam a nomear um momento de felicidade ou desespero, o respirar de um ser amado ou o trinado de um pássaro, lançando um resplendor sobre o objeto, um reconhecimento que lembra à alma adormecida que somos pó enamorado”. O mesmo podemos pensar para o processo psicanalítico: são as palavras que proporcionam coerência ao mundo interno e preservam memória e sentido. Quem procura um tratamento psicológico, está buscando alguém que o ajude a construir uma narrativa coesa sobre a própria vida, tantas vezes marcada por lutos, desencontros, pequenas e grandes infelicidades. Lembremos dos habitantes de Macondo que, atacados por uma doença causadora de amnésia, encontram, no uso das palavras, o remédio para o mal. Ato contínuo, penduram letreiros nos objetos e seres à sua volta. O mundo conservaria sua dimensão simbólica desde que os nomes que o designam não fossem esquecidos.

Quantas vezes, assim como aconteceu em Macondo, somos confrontados, em nossas existências, por emoções e sensações maiores que nossa capacidade de pensá-las. Escritores e psicanalistas, no seu dia-a-dia, buscam transformar tais inundações em histórias para serem contadas. Valem-se, nessa tarefa, da ocupação essencial da mente: gerar metáforas e imagens a partir das realidades, interna e externa, por mais assustadoras que estas sejam. Estou me referindo, aqui, à *função onírica* como o patrimônio comum entre a arte e a psicanálise: aquela região da mente onde estamos sempre sonhando. Um sistema vital que, ao gerar significados para as experiências emocionais, dará origem a uma rede simbólica com um potencial de expansão sem limites pré-determinados.

Ao construir as bases dessa vasta rede simbólica que designou *psicanálise*, Freud muitas vezes salientou o apreço que sentia pelos artistas e por seus *insights* intuitivos a respeito do funcionamento psíquico. Esta é a razão pela qual, em vários dos seus escritos, apoiou-se em obras literárias, mostrando que o observado na clínica nada mais era do que manifestação de algo inerente à natureza humana e já captado pelos poetas. Seguindo o modelo de seu fundador, a psicanálise tem contado com a literatura como ponto de apoio no entendimento do mundo interno, valorizando o quanto esses instantes criativos do artista sensível estabelecem um contato privilegiado com as profundezas do psiquismo. Isso permitiu que, ao longo do tempo, tenha se estabelecido, entre a psicanálise e a literatura, aquilo que Martins (2002) designou como um processo de *iluminação mútua* na construção de significados para o que nos cerca.



Infelizmente, nesse campo comum de criação de sentido, psicanálise e literatura compartilham o mesmo problema: a tendência do ser humano de ocultar, de si e dos outros, o mais íntimo e o mais sincero em termos de afetos e pensamentos. Hoje em dia, frente à materialidade funesta do terrorismo e da intolerância religiosa, do tráfico e da corrupção a queimarem nossa memória, promovendo-nos a cegos e omissos, a tendência inicial é pensar que não existem mais histórias possíveis. Tudo parece indicar que a literatura está esmagada por uma realidade que destruiu o simbólico e tornou supérfluas as belas metáforas, inúteis as imagens poéticas. Do mesmo modo, também na psicanálise, muitas vezes nos questionamos se será possível, para as pessoas que nos consultam - tão frequentemente enredadas em um claustro mental, a reiterarem trágicas relações de objeto – outras histórias para suas vidas. Freud (1905), mais uma vez, em seus *Estudos sobre a Histeria*, nos renova as esperanças: embora concorde que os fatos da realidade não podem ser alterados pela análise, lembra que o paciente ganhará muito se conseguir, durante o processo psicanalítico, transformar miséria neurótica em infelicidade comum. A partir dos mesmos fatos irremovíveis, poderemos contar outras histórias, mais centradas na compreensão do que na censura. Ao fazer isso, atenuados o narcisismo e as fantasias de onipotência, chegaremos com nossos pacientes, do mesmo modo que os escritores com seus leitores, a essa dimensão onde somos, como nos diz Manguel (1998), não apenas pó, mas seres que mantêm um caso de amor com a vida. □

Abstract

Psychoanalysis and literature

While constructing the foundations for the monumental symbolic fabric which he denominated psychoanalysis, often times Freud underscored the fondness he felt for artists and their intuitive insights on psychic functioning. That settled the foundations for the growth through time, between psychoanalysis and literature, of mutual illumination in the construction of meaning for our surroundings - in the words of Maria Helena Martins.

Keywords: symbolic function, oniric life, literature and psychoanalysis.



Resumen

Psicoanálisis y literatura

Mientras construía las bases del vasto tejido simbólico que designó como psicoanálisis, Freud muchas veces subrayó el aprecio que sentía por los artistas y por sus insights intuitivos respecto al funcionamiento psíquico. Eso asentó las bases para que, a lo largo del tiempo, se haya establecido, entre el psicoanálisis y la literatura, lo que Maria Helena Martins designó como un proceso de iluminación mutua en la construcción de significados para lo que nos cerca.

Palabras clave: función simbólica, vida onírica, literatura y psicoanálisis.

Referências

Freud, S. (1905). Estudos sobre a histeria. In _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago, 1972.

Manguel, A. (1998). *En el bosque del espejo: ensayos sobre las palabras y el mundo*. Madrid: Alianza Editorial, 2001.

Martins, M. H. (2002). A palavra, pedra de toque da literatura e da psicanálise. In L. Masina & V. Cardoni. *Literatura comparada e psicanálise: interdisciplinaridade e interdiscursividade*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto.

Recebido em 28/01/2013

Aceito em 06/02/2013

Revisão técnica de **Paulo Berél Sukiennik**

Juarez Guedes Cruz

Rua Tobias da Silva, 85/306
90570-020 – Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: jgcruz@pro.via-rs.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA